

[FRAGMENTO DE UM PREFÁCIO DE WILFRED OWEN]

Não é de heróis que este livro trata. A poesia inglesa ainda não é digna de falar deles.

Também não trata de feitos ou territórios, da glória ou da honra, nem de quaisquer potestades, tronos, dominações ou poderes que não sejam a Guerra.

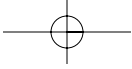
Acima de tudo, não é com a Poesia que estou preocupado.

A Guerra é o meu tema e a compaixão da Guerra. A Poesia está na compaixão.

Contudo, para a geração actual, estas elegias não são de forma alguma consoladoras. Talvez o sejam para quem vier depois. Por agora, nada mais resta a um poeta senão dar um aviso. É por isso que têm de ser autênticos os verdadeiros poetas.

Poderia ter usado nomes próprios, se pensasse que a letra deste livro ia ser duradoura; mas se, em espírito, ele sobreviver — sobreviver à Prússia — tanto a minha ambição como tais nomes hão-de encontrar campos mais amenos do que na Flandres...

Maió-Setembro de 1918



ESGOTAMENTO

Tombou — de cansaço e mais ainda de amargura
Fardo de carne igual a peixe seco entorpecido
Tentámos pontapés e nem se ergueu sequer;
— No meu revólver cravava turvo olhar;
— Parecia nem saber da guerra em volta
E fitava sem ver a trincheira desfeita.
«Hei-de dar cabo deles» gemeu. «Se esta mão escapar
Hei-de acabar mesmo com todos.»

* * *

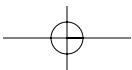
Disse alguém com voz sumida:
«É saudade da terra se calhar: esvaiu-se a coragem
A sonhar com tanto herói ainda sobrevivido:
Destemidos parentes, beatos, sorridentes;
Ousada, jovem, quem sabe se a mulher a divertir-se,
Mais abastada agora num novo lar qualquer.
Não ficou assim louco por ver os Hunos e a morte.»

* * *

Estorvava a passagem; mandámo-lo embora.
Sem ferimentos — era até robusto antes das bombas.
Doença simulada? «Tal qual!» Os olhos dos maqueiros a piscar.

* * *

Com riso regado a uísque, ao médico ouvi depois:
«Aquele trampa esta noite evacuado morreu logo. Viva!»



CALVÁRIO À BEIRA DO ANCRE

Está alguém suspenso na cruz de estradas metralhadas.
Nesta guerra até foi mutilado Ele também
Mas tem discípulos ocultos fugitivos;
E clemência agora mostram os Soldados.

No Gólgota vagueiam tantos sacerdotes
E do seu rosto irradia a soberba
De quem leva na carne a marca dessa Fera
Por quem foi renegado o dócil Cristo.

O povo inteiro empurram os escribas
E proclamam ao estado ser fiéis,
Mas quem tem amor por esse amor maior
À vida renuncia e nem conhece o ódio.

EM REVISTA

«Escuta lá! Isto que é?» disparei a pergunta.
«Tu ousas vir assim à formatura?»
«Foi por...» «Calar a boca!» berro do sargento.
«Tira-se o nome?» — «Tira. Manda destroçar depois.»

Lá foi o soldado suspenso por uns dias,
Por ter formado «sujo na parada».
A tal nódoa maldita, disse-me depois,
Era de sangue dele. «O sangue é sujo» respondi.

«É sujo o sangue» repetiu a rir e desviou o olhar
Para o lugar distante onde o golpe sangrara
Quase na terra para sempre confundido.
Disse: «Anda agora o mundo a limpar manchas.»

«Não lhe agrada a nossa face viva de cor:
Detesta antes de mais o sangue jovem,
Mas quando em cal nos branquear a morte
Ninguém falta à revista do Marechal que é Deus.»

CÂNTICO DA JUVENTUDE CONDENADA

Que sinos dobram neste massacre de cordeiros?

Redobra só a fúria dos canhões.

Só as armas em soluços de metralha

Lhes balbuciam preces fugidias.

Nem têm já sinos, nem rezas, nem risos,

Só as vozes do coro são de pranto.

Gemem em coro bombas silvos loucos;

Clamam por eles clarins em terras enlutadas.

Para incitar a todos, que círios acender?

Nos dedos dos mancebos, nos olhos sobretudo,

Paira mortíça sagrada luz da despedida.

Têm por mortalha lívida fronte de mulher,

E por flores a doçura na mente sofrida,

E persianas cerradas em cada lento anoitecer.